

A Estação Arqueológica das Boucinhas, Regueira, Vitorino de Piães, Ponte de Lima (Norte de Portugal)

Ana M.S. Bettencourt¹, António P. Dinis², Andreia Silva, André Mota Veiga, Emanuel Ribeiro, Hugo Cardoso, Luciano Vilas Boas & Maria João Amorim³

ABSTRACT:

The article presents some of the results from the archaeological diggings, surveyed in July of 2003, in the archaeological site of Boucinhas, in the parish of Vitorino de Piães, municipality of Ponte de Lima. These studies were made in the interdisciplinary research project “The Entre-Douro-e-Minho landscape since middle of III to the end of II millenium BC”.

0. INTRODUÇÃO

Os achados arqueológicos nas Boucinhas ocorreram em 1989 quando o Sr. Francisco Dantas Viana surribava a vertente norte de um pequeno outeiro existente na sua propriedade. Após uma primeira notícia (ALMEIDA *et alii*, 1994), o local permaneceu, até hoje, como zona de fruição agrícola. O espólio então encontrado e composto por alguns recipientes cerâmicos foi depositado no Museu dos Terceiros encontrando-se, actualmente, em exposição na Casa dos Marqueses de Ponte de Lima.

No âmbito do projecto “The Entre-Douro-e-Minho landscape since middle of III to the end of II millenium BC”, aprovado e financiado pela Fundação para a Ciência e Tecnologia, em 2001, com a referência 36527/99 e fundos FEDER, realizámos escavações arqueológicas neste local⁴, com os objectivos de precisarmos, em termos cronológico-culturais, os achados de 1989 e de recolhermos

¹ Prof. Auxiliar da Universidade do Minho.

² Mestre em Arqueologia pela Universidade do Porto.

³ Finalistas da licenciatura em História-Variante Arqueologia da Universidade do Minho que estudaram, na íntegra, esta estação no âmbito da disciplina de Seminário.

⁴ Os trabalhos decorreram na primeira quinzena de Julho de 2003 com a participação de Alcina Costa, Ana Lavrador, Armando Ferreira, Daniela Marques, David Caetano, Elisabete Pereira, Guilhermina Cadeco, Joana Abreu, João Ribeiro, João Silva, José Machado, Luís Loureiro, Patrícia Leite e Rafaela Silva, alunos da licenciatura em História – variante Arqueologia da Universidade do Minho. As escavações contaram com o apoio da Câmara Municipal de Ponte de Lima e da Junta de freguesia de Vitorino de Piães.

ecofactos passíveis de fornecerem dados para a reconstituição paleoambiental da área ocupada pelas populações pré-históricas.

1. LOCALIZAÇÃO, CONTEXTO GEOMORFOLÓGICO E AMBIENTAL

O sítio das Boucinhas localiza-se no distrito de Viana do Castelo, concelho de Ponte de Lima, freguesia de Vitorino de Piães, lugar da Regueira (Figs. 1 e 2) e corresponde à vertente norte de um outeiro de baixa altitude, denominada por Montinho. As vertentes deste outeiro são suaves em todos os sentidos e ficam sobranceiras a pequenos vales onde corre a ribeira de Garantau que, nascendo na vertente sul da serra da Nó, irá alimentar a de Nevoinho que desagua no Neiva.

Segundo a Carta Geológica de Portugal, na escala 1:50 000, n. 5-A, o substrato rochoso da região é composto por corneanas, xistos andaluzíticos, xistos granatíferos, xistos luzentes, etc. que apenas afloram à superfície na plataforma superior. A cerca de 3Km para nor-nordeste ocorrem minas de volfrâmio e, sensivelmente à mesma distância, para oeste e noroeste, existem minas de estanho.

Os solos são de origem antrópica e profundamente alterados.

A área é parcialmente urbanizada e agricultada. O sistema agrícola dominante é a policultura com milho, batatas, couves e oliveiras. Nas cercanias ocorrem eucaliptos e pinheiros de introdução recente.

As coordenadas geográficas segundo a Carta Militar de Portugal na escala 1:25 000, folha 41 - são as seguintes:

Latitude: 41° 40' 57" N

Longitude: 8° 35' 49" W

Altitude máxima: 152m.

O acesso faz-se pela estrada municipal que liga Vitorino de Piães a Cabaços (Fig. 2).

2. CONTEXTO ARQUEOLÓGICO

São escassas as referências arqueológicas relacionáveis com a pré-história recente ou a proto-história antiga, no local. Há a registar a descoberta de vestígios habitualmente relacionados com a Idade do Bronze. Referimo-nos às gravuras rupestres, de temática geométrica e inseríveis na Arte Atlântica, existentes nos afloramentos graníticos do lugar de S. Pedro, um outeiro situado a algumas centenas de metros para norte das Boucinhas (MACIEL, 2003).

Apesar das evidências destes períodos estarem pouco representadas a área que compreende a freguesia de Vitorino de Piães, apresenta uma riqueza arqueológica considerável. De facto, conhecem-se nas vertentes da serra da Padela, a poente, e da Serra da Nó, a norte das Boucinhas, os povoados da Idade do Ferro de Valadas, Trás-Cidade, Crasto, S. Simão e Sabugueiro (MACIEL, 2003). Diversos vestígios de época romana identificados nesta região apontam para uma efectiva ocupação das zonas de meia-encosta e de vales, motivada pela procura de melhores solos agrícolas (ALMEIDA *et alii*, 1994). A ocupação antrópica ter-se-á prolongado pela Alta Idade Média, já que foram identificados diversos vestígios deste período.

3. ESCAVAÇÃO

3.1. Metodologia

Tendo em atenção os objectivos previamente equacionados, foram definidas três zonas de escavação que denominámos de sectores 1, 2 e 3 (Figs. 3 e 4).

Os sectores 1 e 3 foram abertos na plataforma superior que, por definir uma zona aplanada, possuía as características apropriadas para suportar uma ocupação. Foi, assim, escavada uma área de 22 m², no

sector 1, no interior de um recinto natural, delimitado por afloramentos graníticos. Aí, intervencionámos em duas valas de sondagens orientadas nos sentidos Norte-Sul e Este-Oeste.

No sector 3 fez-se apenas uma pequena sondagem (1 m²).

A maior área escavada foi a do sector 2, com 90 m². Situou-se na vertente Norte e, por ser a zona que correspondia ao aparecimento dos vasos e das fossas abertas no saibro, a sua escavação impunha-se para definir o contexto cronológico-cultural dos achados, assim como para definir o tipo de ocupação e a existência de estruturas que permitissem determinar a funcionalidade do sítio.

A malha quadricular utilizada foi a de 1 m², orientada pelo Norte Magnético, referenciada por letras, no sentido Sul/Norte e por algarismos árabes, no sentido Oeste/Este.

A escavação processou-se por camadas naturais, controlados por níveis artificiais de 10 em 10 cm. As terras das fossas e das zonas onde se suspeitou a existência de pavimentos foram fluuadas para a detecção de sementes ou de outros ecofactos.

Todos os quadrados foram escavados até à rocha base. A identificação das camadas, com algarismos árabes, efectuou-se de cima para baixo.

Os desenhos de campo pretenderam dar o registo planimétrico e seccional da escavação, à escala 1:20.

Os fragmentos cerâmicos associados a estruturas, bem como os materiais metálicos, líticos e concentrações de ecofactos foram posicionados nas três variáveis, x, y e z.

Foi, igualmente, efectuado um registo fotográfico, em suporte convencional e digital.

O ponto "0" de topografia dos sectores 1 e 3 situou-se na parte mais alta de um afloramento aplanado e localizado a oeste da malha quadricular do sector 1, onde foi gravada uma cruz. O ponto "0" do sector 2 localizou-se a sudeste da malha quadricular deste local, sobre a tampa de cimento do tanque de água aí existente.

O espólio foi lavado e marcado no local, sendo as peças mais significativas desenhadas e fotografadas. Este deu entrada, provisoriamente, no Museu D. Diogo de Sousa, em Braga, seguindo, posteriormente, para a Câmara Municipal Ponte de Lima.

O estudo cerâmico baseou-se na tabela formal de A.M.S. Bettencourt (2000a).

Os ecofactos foram enviados para análises de antracologia e carpologia, a efectuar por Isabel Figueiral, do Instituto Botânico da Universidade de Montpellier II. Dos ecofactos foram retiradas amostras para datação de radiocarbono, duas das quais já foram realizadas no laboratório Beta Analytic Inc., Miami, USA, tendo sido uma outra enviada para o laboratório de C₁₄ da Universidade do Arizona, USA.

3.2. O processo de escavação

3.2.1. Sector 1

3.2.1.1. Estratigrafia

Foram identificadas apenas três camadas, ambas de espessura reduzida (Fig. 5).

Camada 0 – terra de matriz castanha escura, embora com manchas mais claras. É areno-limosa (mais limosa), nada compacta, com calhaus de pequeno porte, raízes e carvões esparsos. Camada humosa.

Camada 0' – idêntica à anterior mas de maior compacidade. É parcial.

Camada 1 – camada geológica, de cor amarelada correspondente à alteração da rocha de base = alterite.

3.2.1.2. Estruturas

Não foram encontradas estruturas arqueológicas relacionadas com os achados de 1989. Apenas detectámos uma pequena fossa aberta na camada 0 e na alterite. No seu interior detectámos pedras

dispostas em cunha, de pequeno e médio calibre. Esta estrutura, de contorno sub-circular e secção em U, continha um vaso de cerâmica de época histórica. Estava implantada nos quadrados E6 e F6 e foi denominada de fossa 1 (DINIS & BETTENCOURT, 2005).

3.2.1.3. Espólio

O espólio da camada 0 era composto maioritariamente por fragmentos cerâmicos de época histórica e por dois fragmentos de fabrico manual, pasta arenosa e cozedura redutora, inseríveis na Idade do Bronze. De salientar o achado de um vaso de louça preta de época histórica, encontrado na fossa 1 dos quadrados E6 e F6, em vias de publicação.

3.2.2. Sector 2

3.2.2.1. Estratigrafia

As camadas estratigráficas encontradas registavam as seguintes características (Figs. 6 e 7):

Camada 0 - terra de matriz castanha-escura, homogénea mas bastante irregular quanto à sua espessura pois em alguns quadrados, após a decapagem do coberto vegetal, atingia-se de imediato a alterite. Camada humosa.

Camada 1 - terra de matriz castanha, sendo no entanto mais clara do que a camada anterior, heterogénea, manifestando manchas mais claras e manchas mais escuras. Camada relacionada com actividades agrícolas.

Camada 2 - terra de matriz castanha-clara, por vezes também alaranjada, areno-limosa, de mediana compactidade, com algumas radículas. Esta camada era pouco espessa mas revelava derrubes de estruturas arqueológicas, perecíveis, em alguns quadrados. Camada de ocupação/abandono.

Camada 4 - Alterite.

3.2.2.1.1. Estratigrafia interna das fossas 1, 2 e 3:

Fossa 1 (Quad. C5, C6, D5, D6, E5 e E6) (Fig. 8)

Camada 1 - terra de matriz castanha, sendo no entanto mais clara do que a camada anterior, heterogénea, manifestando manchas mais claras e manchas mais escuras.

Camada 2a - terra de matriz castanha por vezes de tom alaranjado, heterogénea, de média compactidade, com radículas e alguns pequenos carvões dispersos.

Fossa 2 (Quad. G4, G5, H4, H5, I4 e I5) (Fig. 9)

Camada 2a - terra de matriz castanha por vezes de tom alaranjado, heterogénea, de média compactidade, com radículas, alguns pequenos carvões dispersos e pequenas concentrações de carvões.

Camada 2a' - terra negra com grande concentração de carvão.

Camada 2b - terra heterogénea, de matriz castanha, mas com manchas avermelhadas e amareladas, medianamente compacta, com algumas radículas, carvões e escassas pedras de médio porte.

Fossa 3 (Quad. G4, G5, F4 e F5) (Fig. 6)

Camada 3 - terra castanha escura, areno-limosa, pouco compacta, principalmente na área de maior acumulação de pedras. Os calhaus e os blocos que compõem a camada encontram-se, por vezes, fumigados. No topo registou-se uma lenticula de saibro que tapava, parcialmente, a área da fossa.

3.2.2.2. Estruturas

Na camada 1, atingindo, frequentemente, a alterite, foram abertas várias fossas para plantação de videiras.

Na camada 2 detectaram-se três fossas (fossa 1, fossa 2 e fossa 3), cinco possíveis buracos de poste e restos de dois pavimentos argilosos.

A fossa 1 registou-se nos quadrados C5, C6, D5, D6, E5 e E6. Era de contorno sub-circular e apresentava secção ovóide. O seu enchimento original foi perturbado, em parte, pela camada 1.

A fossa 2 estava implantada nos quadrados G4, G5, H4, H5, I4 e I5. Tinha um contorno alongado, com estreitamento a meio, resultante da junção de duas fossas.

A fossa 3 foi descoberta nos quadrados F4, F5, G4 e G5. Era uma estrutura sensivelmente oval, cortada no saibro e na camada 2. Foi parcialmente perturbada por uma vala para a colocação de canos de água e por uma raiz de pinheiro.

Resquícios de um primeiro pavimento detectaram-se nos quadrados G3 e H3.

O segundo pavimento distribuía-se pelos quadrados F4, G3, G4, H3 e H4. Era argiloso e compacto, em alguns locais. Nos quadrados H3 e H4 era apenas vestigial. Os eventuais buracos de poste localizam-se, igualmente, por esta área. Correspondiam a pequenas depressões abertas na alterite, sensivelmente circulares, com enchimento de terra castanha, homogénea.

3.2.2.3. Espólio

O espólio das camadas que constituem este sector corresponde a 347 fragmentos cerâmicos, 13 líticos, 1 objecto metálico e alguns ecofactos.

3.2.2.3.1. Cerâmico

Na *camada 0* foram encontrados 139 fragmentos cerâmicos, 1 vidro, 1 lítico e um objecto metálico. Dos fragmentos cerâmicos 104 são históricos e os restantes 35 são pré-históricos. Entre estes destacam-se 4 fragmentos de pança com decoração plástica em forma de cordão horizontal. Registam-se, também, 2 bases de fundo plano simples. As cerâmicas pré-históricas caracterizam-se, na sua generalidade, por terem texturas grosseiras, pastas arenosas, fabricos manuais e cozeduras reductoras. O seu acabamento interno e externo era, de uma forma geral, alisado e, por vezes, corroído.

O espólio da *camada 1* corresponde a 123 fragmentos cerâmicos (76 históricos e 47 pré-históricos) assim como a alguns líticos.

Em relação à olaria de época mais recente destacam-se alguns fragmentos de tégula e de cerâmica cinzenta, por vezes com vestígios acentuados de roda baixa que Luís Fontes atribuiu ao período tardo-romano alto-medieval, através de paralelos com cerâmica encontrada no Castelo do Lindoso (Ponte da Barca), em S. Martinho de Dume (Braga), na Sé de Braga e no Monte Faria (Barcelos). Também foi exumada uma base de uma tigela, provavelmente do Baixo-Império, segundo Manuela Delgado⁵.

As cerâmicas mais antigas caracterizam-se por serem de fabrico manual e cozedura reductora. Apresentam pastas arenosas, por vezes com alguma mica, e texturas grosseiras. O acabamento externo e interno é alisado, embora existam peças polidas. As cores variam entre os vários tons de castanho e laranja. Entre a louça pré-histórica há a destacar 2 fragmentos de asas de fita, de secção sub-rectangular (Fig. 13) e 3 bordos. Um deles é vertical e de lábio horizontal. Um outro é esvasado, de lábio arredondado, com um colo muito pouco acentuado, de acabamento alisado e contendo alguns resíduos de fuligem. O último bordo caracteriza-se por ser reentrante, de lábio arredondado e de acabamento alisado.

Os fragmentos cerâmicos da *camada 2* são em número de 34. Deste conjunto, 13 são de época histórica e deverão considerar-se intrusões. Os restantes 21 são pré-históricos.

Registam-se 2 bordos. Um deles é esvasado, de lábio sub-rectangular, com decoração plástica no início da pança. Corresponde à forma 7 de A.M.S. Bettencourt (2000a) (Fig. 12).

⁵ Agradecemos a estes dois investigadores as informações prestadas.

Deste conjunto salientamos, ainda, 5 panças com decoração plástica em forma de cordões horizontais e curvos (Fig. 12). Há, também, restos de matéria orgânica numa pança.

Na camada 1, que corresponde a uma intrusão recente, no interior da *fossa 1* detectámos 12 fragmentos cerâmicos, 4 deles pré-históricos e 8 tardo-romanos ou alto-medievais. Os fragmentos pré-históricos correspondiam a panças, duas delas com aplicações de cordões horizontais. Na camada 2a, registámos 11 fragmentos cerâmicos de pasta arenosa, textura grosseira, de fabrico manual e cozedura redutora. O acabamento externo e interno varia entre o alisado, o polido e o corroído. As cores diversificam-se entre os castanhos e os alaranjados, embora algumas peças apresentem resíduos de fuligem. Alguns fragmentos possuem, como desengordurante, um colorante vermelho, o que lhes confere um tom avermelhado ou alaranjado. Entre estes fragmentos, de cronologia pré-histórica, destacamos um bordo esvasado, uma base de fundo plano simples, com cerca de 20cm de diâmetro (Fig. 13), e duas panças com decoração plástica, com cordões horizontais.

Na *fossa 2*, camada 2a, 2a' e 2b, o espólio exumado era constituído por 18 fragmentos cerâmicos pré-históricos. Entre estes registámos 2 bordos, um dos quais ligeiramente esvasado e o outro vertical, de lábio horizontal. Surgiu, também, 1 fragmento de colo, com asa, e 2 asas, ambas com secções sub-rectangulares (Fig. 13). Das 14 panças, 2 têm decorações plásticas (cordão horizontal) e 1 decoração incisa e impressa (Fig. 13). Há, também, 4 panças com fuligem interna e externa.

Na *fossa 3*, camada 3 recolheram-se vários fragmentos de 2 vasos incompletos que passaremos a descrever:

Vaso 1 (Fig. 14.1):

Vaso de fabrico manual com pasta arenosa e textura grosseira. A sua cozedura é redutora, de qualidade mediana. O acabamento externo e interno é alisado. A sua cor externa e interna é castanha clara com manchas mais escuras, na parte exterior, provavelmente da cozedura.

Bordo ligeiramente esvasado e lábio ligeiramente arredondado. O colo é relativamente pequeno e pouco acentuado. Corresponde à forma 5 de A.M.S. Bettencourt (2000a).

Vaso 2 (Fig. 14.2)

Vaso de fabrico manual, de pasta arenosa e textura grosseira. A sua cozedura é redutora, de qualidade mediana. O acabamento é alisado. A sua cor externa e interna é castanha avermelhada.

Bordo esvasado de lábio horizontal com um cordão plástico, disposto na horizontal sobre o colo. Corresponde à forma 7 de A.M.S. Bettencourt (2000a).

De registar que muitos fragmentos da cerâmica das camadas 2, 2a, 2b e 3 apresentam, na constituição da sua pasta, uma matéria colorante de cor vermelha, o que lhe confere um carácter singular, já que não encontramos paralelos para esta ocorrência.

3.2.2.3.2. Líticos

Apenas registámos artefactos líticos no interior da *fossa 3*. Estes foram realizados em granito de grão fino e de grão fino a médio e estão quase todos fragmentados. Caracterizam-se por serem, essencialmente, moinhos moventes ou polidores (3 exemplares) e moinhos dormentes (2 fragmentos) (Fig. 15). Exumaram-se, ainda, 3 fragmentos de quartzo de diferentes qualidades (leitoso e fumado) e 1 fragmento de uma rocha metamórfica, fumigada.

3.2.2.3.3. Ecofactos

Na camada 2, foram recolhidos carvões para análises de antracologia e de radiocarbono e sementes para análises de paleocarpologia. Na *fossa 1* apareceram algumas sementes que, macroscopicamente, parecem ser de *Brassica*.

3.2.3. Sector 3

3.2.3.1. Estratigrafia (Fig. 11)

Camada 0 - Terra de matriz castanha-escura, sendo homogénea mas bastante irregulares quanto à sua espessura pois em alguns locais, após a decapagem, atingia-se de imediato a alterite. Camada humosa.

Camada 1 - Terra heterogénea de tom castanho mas com algumas manchas mais claras, areno-limosa e pouco compacta.

Camada 2 - Alterite.

3.2.3.2. Estruturas e espólio

Não foram detectadas estruturas e artefactos neste sector.

4. DATAS DE RADIOCARBONO

Estas datas são provenientes do laboratório Beta Analytic Inc., Miami, USA, tendo sido usada a curva de calibração de M. Stuiver *et alii* (1998).

Ref. Laboratório	Proveniência	Data BP	Cal. BC (2 sigma)
Beta-188256	Fossa 1, Quad. D6, Cam. 2a	2320±60 BP	515-350 310-210
Beta-188257	Fossa 2, Quad. H4, Cam. 2a	4800±70 BP	3700-3495 3455-3375

Ambas as datas podem considerar-se anómalas tendo em conta os contextos e a cultura material que se pretende datar. A data Beta-188256 revelou-se demasiado recente e a Beta-188257 demasiado antiga. É difícil explicar estas anomalias. No entanto, é possível que o carvão da datação mais antiga fosse oriundo de um qualquer paleosolo existente antes da ocupação arqueológica deste local e que, dado a destruição do mesmo, por motivos pós-deposicionais, pudesse ter escorregado para o interior da fossa que se encontrava aberta no momento de abandono da estação.

5. ALGUMAS CONSIDERAÇÕES

A estratigrafia observada nas áreas intervencionadas relevou-se inconstante, sendo a variabilidade quantitativa dos estratos distinta entre os diferentes sectores. Após a análise da espessura estratigráfica verificamos que esta diminui, progressivamente, de Este para Oeste, principalmente no sector 2, onde a intensa utilização antrópica desse espaço, para fins agrícolas, foi responsável pela destruição total do nível de ocupação arqueológica, visto serem frequentes os sulcos dos arados na alterite.

Pelo facto do sector 1 não ter fornecido qualquer nível de ocupação arqueológico, pré-histórico, aliado ao trabalho de prospecção efectuado nas vertentes sul, este e oeste, pensamos que esta estação se localizaria, essencialmente, na vertente norte do outeiro do Montinho, ou seja, precisamente nas Boucinhas. Dada as condições de jazida deste local, a estação arqueológica deverá ter sido destruída, em grande parte, pelos trabalhos agrícolas e pela construção de um tanque de água.

A análise da estratigrafia e das estruturas permitem-nos registar um nível arqueológico com, pelo menos, uma ocupação e momentos de reorganização interna, provavelmente muito pouco espaçados no tempo. Tal ilação parece poder inferir-se pela disposição estratigráfica dos resquícios de pavimentos – sobrepostos, detectados na camada 2 dos quadrados G3 e H3, assim como pelas características da fossa 2 que, no seu momento final de utilização, resulta da adição de duas fossas anteriores e mais pequenas.

Também a fossa 3 parecia já não estar em utilização aquando da construção do segundo pavimento dos quadrados F4, G3 e G4, tendo sido entulhada com terra, pedra e saibro.

Na camada 2 ocorrem, ainda, alguns buracos de poste e a fossa 1, de contorno circular e de dimensões consideráveis, algo semelhante à fossa 3.

As fossas 1 e 2 apresentavam um enchimento detritico, provavelmente resultante de processos pós-deposicionais, após o abandono do local, visível na disposição das camadas, das pedras e na orientação do espólio cerâmico aí encontrado.

No sítio das Boucinhas já anteriormente tinham sido identificadas duas outras fossas, contendo cada uma delas um vaso inteiro (ALMEIDA *et alii*, 1994), o que subentende o carácter intacto destas estruturas e nos fez admitir que poderiam estar relacionadas com depósitos de âmbito ritual (BETTENCOURT, 2000a;2000b).

Dadas as características da estação arqueológica pensamos estar perante um eventual “povoado” aberto, de curta/média duração, com estruturas eventualmente utilizáveis para silagem ou diversas actividades agrícolas (fossas 1, 2 e 3) a par de outras de âmbito ritual, afinal numa dualidade de sentidos que pouca expressão teria em comunidades tradicionais.

Os dados passíveis de serem interpretados como resultantes de práticas agrícolas por parte da população que viveu nas Boucinhas são as sementes de *Brassica*, os vários fragmentos de moinhos manuais, assim como a sua localização, na proximidade de bons solos aráveis (Fig. 16). As actividades rituais foram subentendidas pelo carácter selado de algumas fossas e pelas características de um vaso inteiro, contendo acentuada concentração de cinzas e de manchas negras na parte inferior interna, tal como se detectou nos recipientes sepulcrais dos Granjinhos (BETTENCOURT, 2000a).

O espólio desta estação não é abundante mas as características técnicas e morfológicas da cerâmica inserem-na no período correspondente à Idade do Bronze.

A forma 7 encontrada paralelos na Sola Ila e I Ib (Braga) ocupações que se situam na primeira metade do II milénio AC, embora também ocorra, de forma vestigial, no povoado da Santinha II (Amares), datado do séc. X AC (BETTENCOURT, 2001)⁶.

A forma 5 encontra paralelo num dos vasos sepulcrais dos Granjinhos (Braga), estação não datada radiometricamente, e num vaso da Santinha II (Amares). Os restantes vasos publicados por C.A.B. de Almeida *et alii* (1994) passíveis de classificação morfológica correspondem, também, à forma 5.

A lógica de implantação topográfica desta estação, num outeiro de baixa altitude e na proximidade de solos agricultáveis, as suas estruturas internas, bem como as características do espólio sugerem-nos uma cronologia dentro do II milénio AC, por comparação com outras estações deste período no Entre Douro e Minho (BETTENCOURT, 2003). No entanto, a existência de paralelos para a forma 7 até ao séc. X AC aconselha-nos que aguardemos os resultados de novas datas de radiocarbono para uma contextualização mais precisa desta estação.

⁶ Esta forma também ocorre em Faria la (Barcelos), Alto de S. Bento (Braga) (BETTENCOURT, 2000a) ambas estações da Idade do Bronze, ainda não datadas radiometricamente.

BIBLIOGRAFIA

- ALMEIDA, C. A. B., M. I. S. MAIA, M. M. L. MOREIRA e A. J. BAPTISTA (1994). A estação do Bronze Final da Regueira, Vitorino de Piães – Ponte de Lima, *Revista da Faculdade de Letras. História*, 2ª Série, 11, Porto, pp. 547-565.
- BETTENCOURT, A. (1991/1992). O Povoado da Sola, Braga: notícia preliminar, *Cadernos de Arqueologia*, 8/9, Braga, pp. 97-118.
- BETTENCOURT, A. M. S. (2000a). *Estações da Idade do Bronze e Inícios da Idade do Ferro da bacia do Cávado (Norte de Portugal)*, Cadernos de Arqueologia, Monografias – 11, Ed. da Unidade de Arqueologia da Univ. do Minho, Braga.
- BETTENCOURT, A. M. S. (2000b). O mundo funerário da Idade do Ferro do Norte de Portugal: algumas questões, *Proto-História da Península Ibérica. Actas do IIIº Congresso Peninsular de Arqueologia*, ADECAP, Porto, pp. 43-60.
- BETTENCOURT, A. M. S. (2000c). *O povoado da Idade do Bronze da Sola, Braga, Norte de Portugal*, Cadernos de Arqueologia, Monografias – 9, Ed. da Unidade de Arqueologia da Univ. do Minho, Braga.
- BETTENCOURT, A. M. S. (2001). *O Povoado da Santinha, Amares, Norte de Portugal, nos finais da Idade do Bronze*, Cadernos de Arqueologia, Monografias – 12, Ed. da Unidade de Arqueologia da Univ. do Minho, Braga.
- BETTENCOURT, A. M. S. (2003). Plant and animal husbandry in the second millennium BC in Northern Portugal, *Journal of Iberian Archaeology*, 5, ADECAP, pp. 199-202.
- DINIS, A & A. BETTENCOURT (2005). O depósito de um vaso de louça preta nas Boucinhas, Regueira, Vitorino de Piães, Ponte de Lima (Norte de Portugal), *Mínia*, 11, Braga, no prelo.
- MACIEL, T. (2003). *O povoamento proto-histórico do vale do Neiva*, Ed. Rio Neiva, Esposende.
- STUIVER, M.; REIMER, P.J.; BARD, E.; BECK, J.W.; BURR, G.S.; HUGHEN, K.A.; KROMER, B.; CORMAC, G.Mc; VAN DER PLICHT, J, & SPURK, M. (1998). INTCAL 98 Radiocarbon Age Calibration, 24000 – 0 cal BP, *Radiocarbon*, 40 (3), pp. 1041-1084.

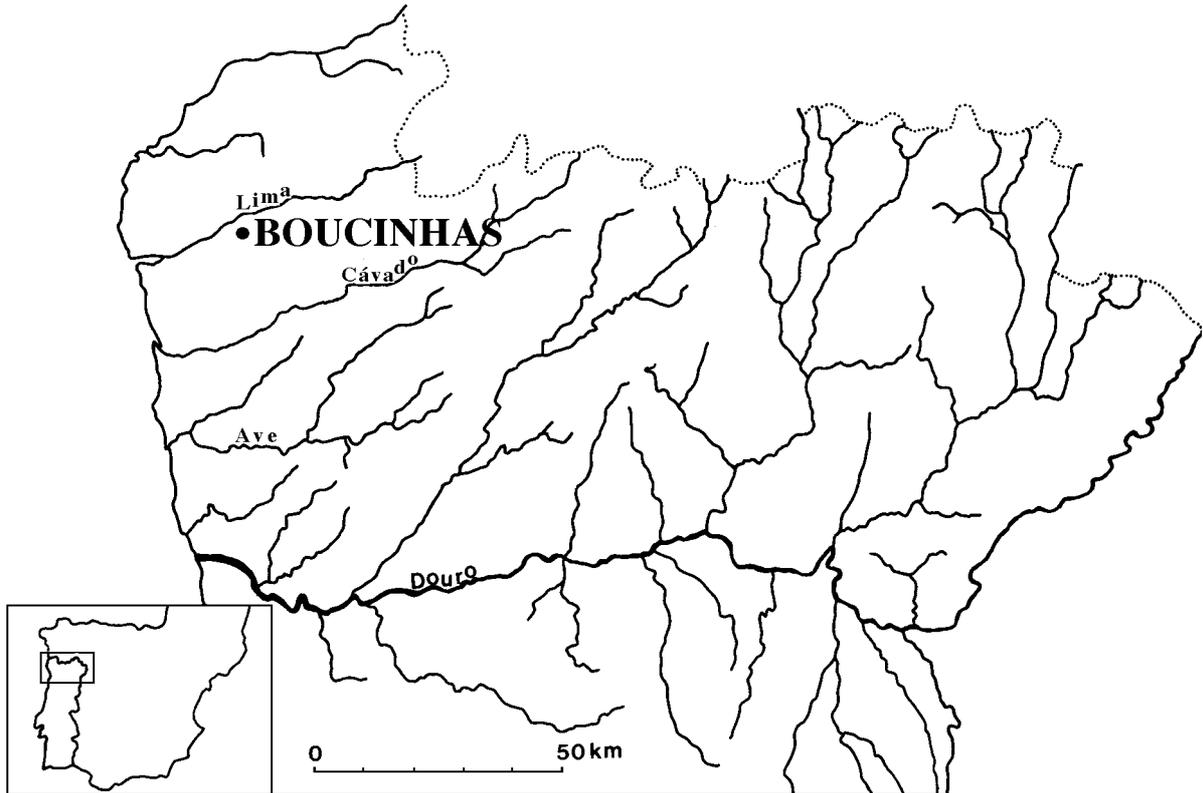


Fig. 1 – Localização das Boucinhas na Península Ibérica e no Norte de Portugal.

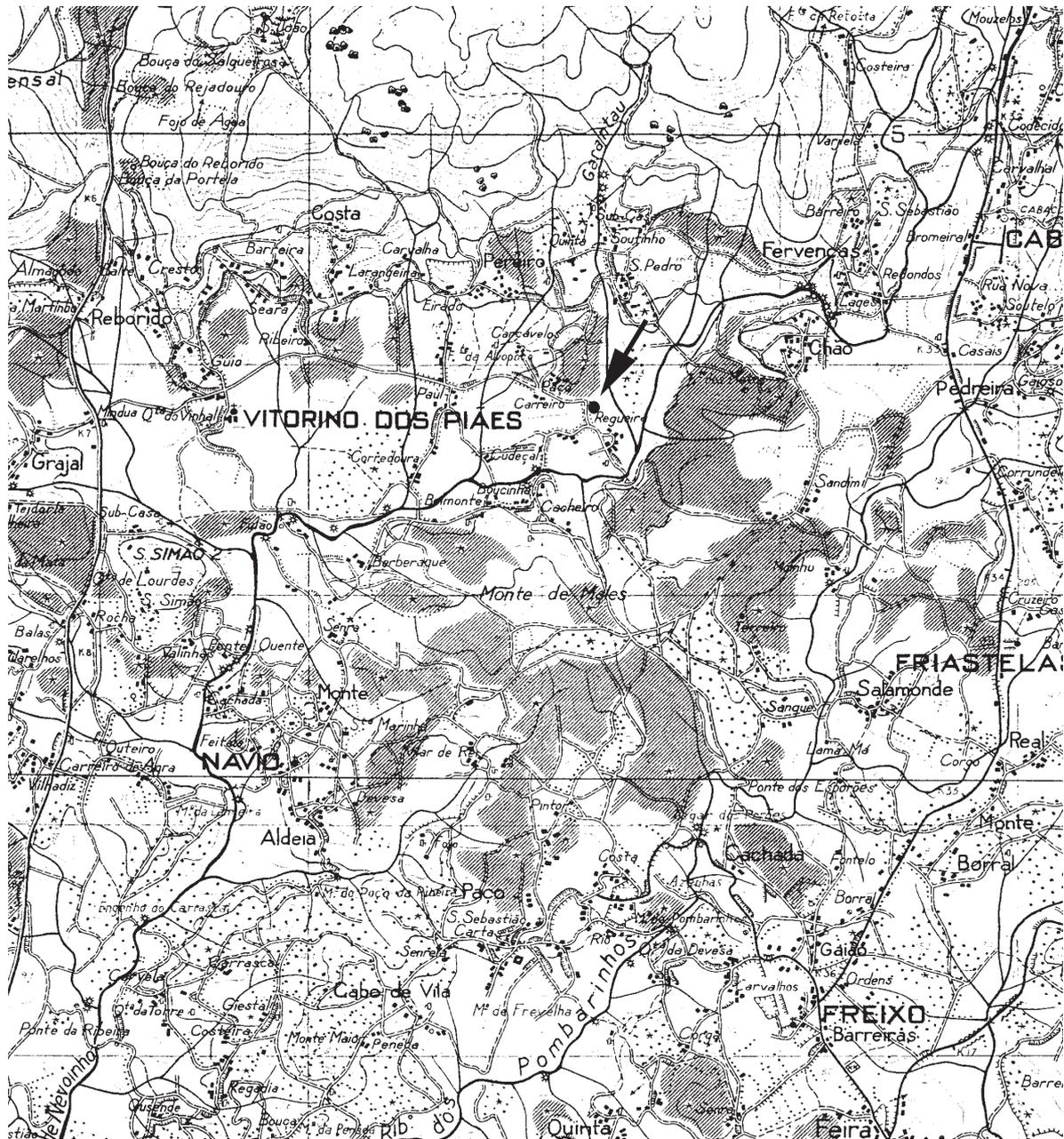
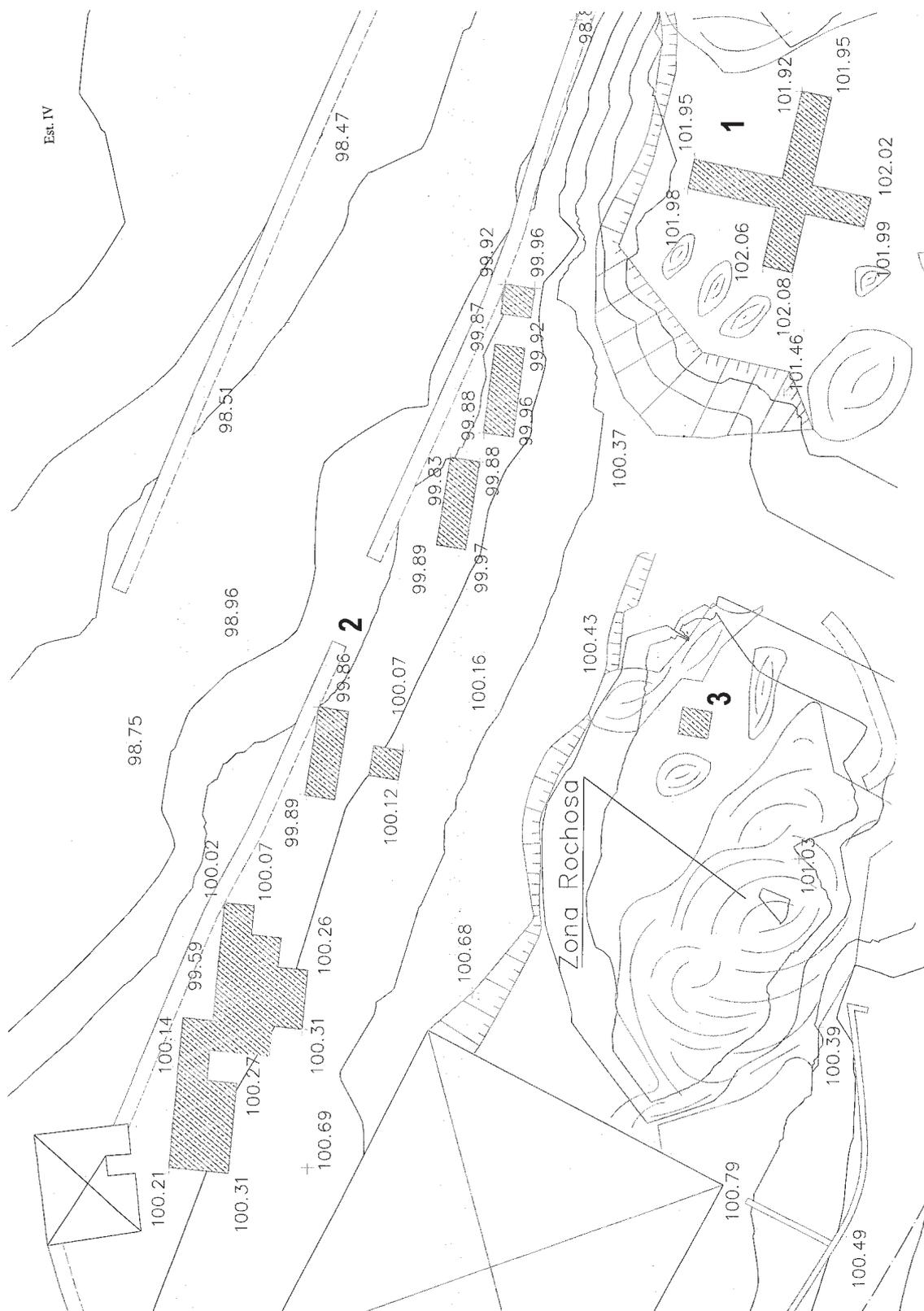


Fig. 2 – Localização das Boucinhas na Carta Militar de Portugal, à escala 1:25 000.



Fig. 3 – Levantamento topográfico das Boucinhas.



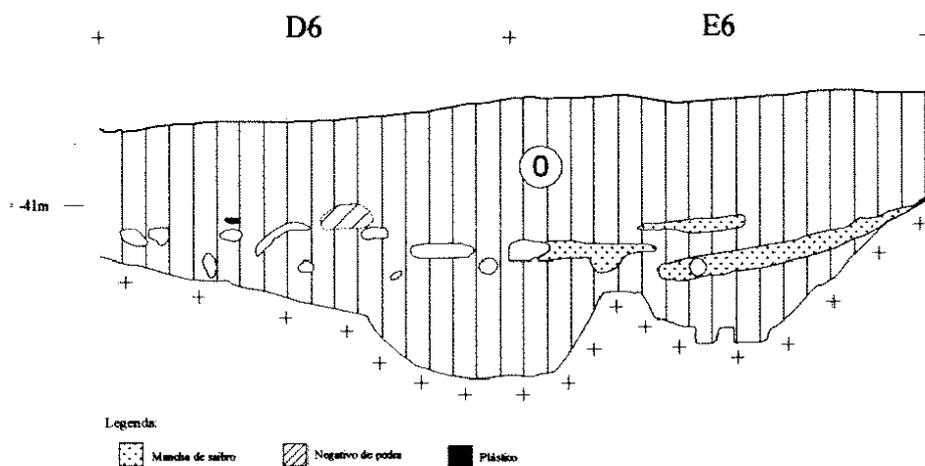


Fig. 5 – Sector 1: perfil Sul dos quadrados D6 e E6.

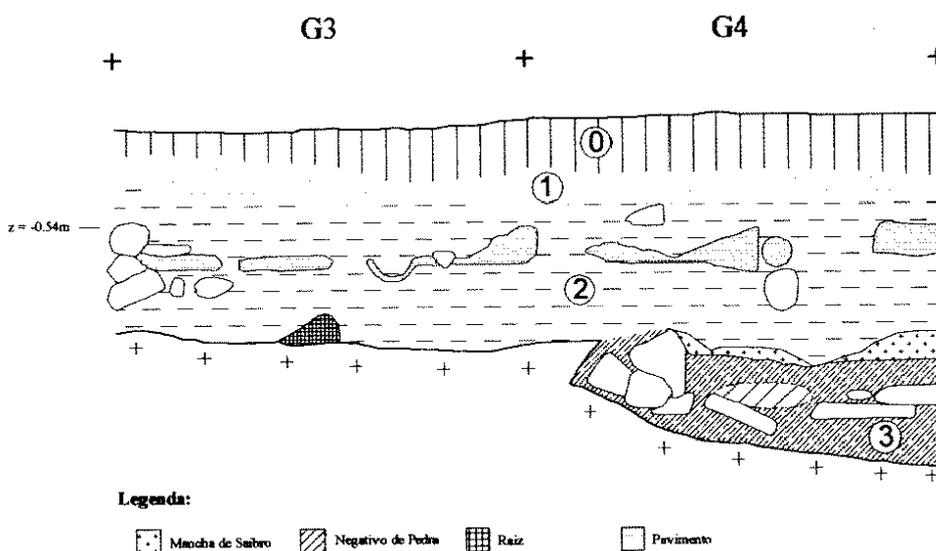


Fig. 6 – Sector 2: perfil Oeste dos quadrados G3 e G4, onde se pode observar resquícios de um pavimento e o enchimento de parte da fossa 3 (à direita).

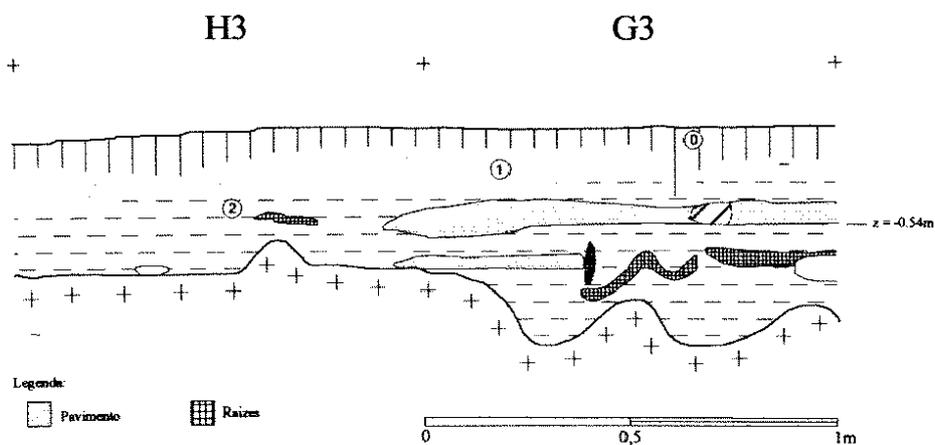


Fig. 7 – Sector 2: perfil Sul dos quadrados H3 e G3 onde se pode observar a sobreposição de pavimentos.

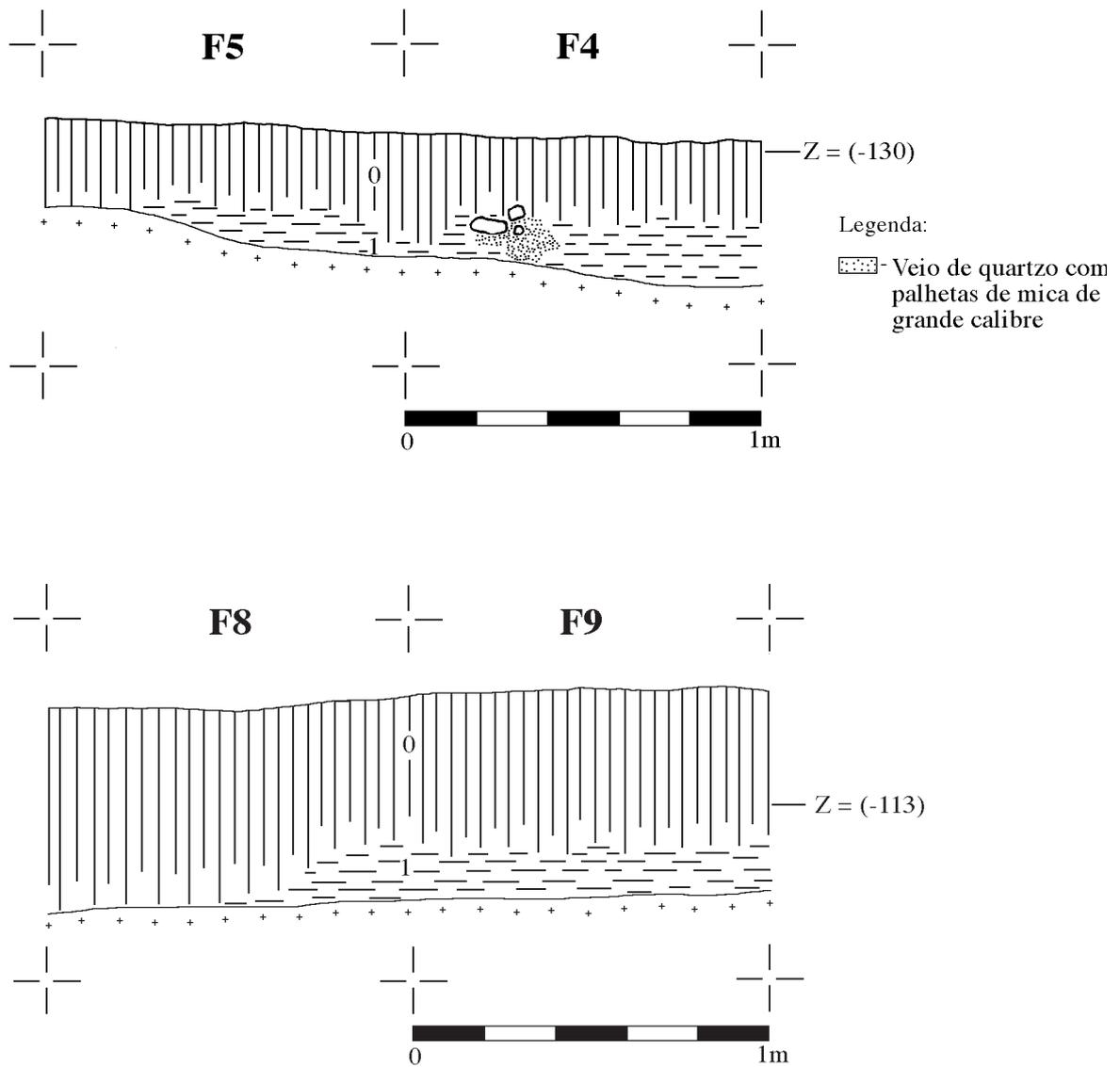


Fig. 8 – Sector 2: perfil Este da fossa 1 e diferentes secções da mesma.

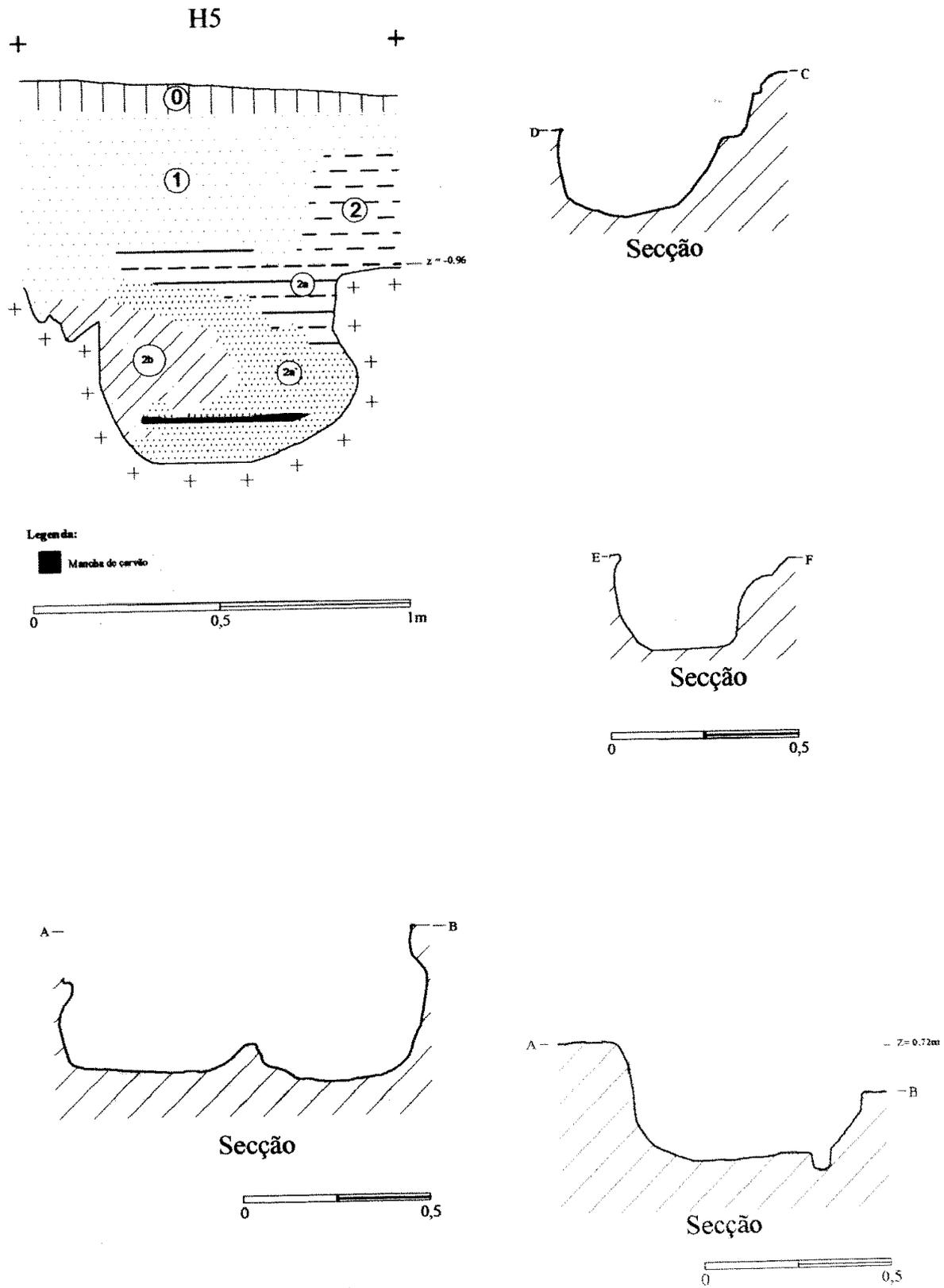


Fig. 9 – Sector 2: perfil Oeste da fossa 2 e diferentes secções da mesma. Em baixo, à direita, secção da fossa 3.

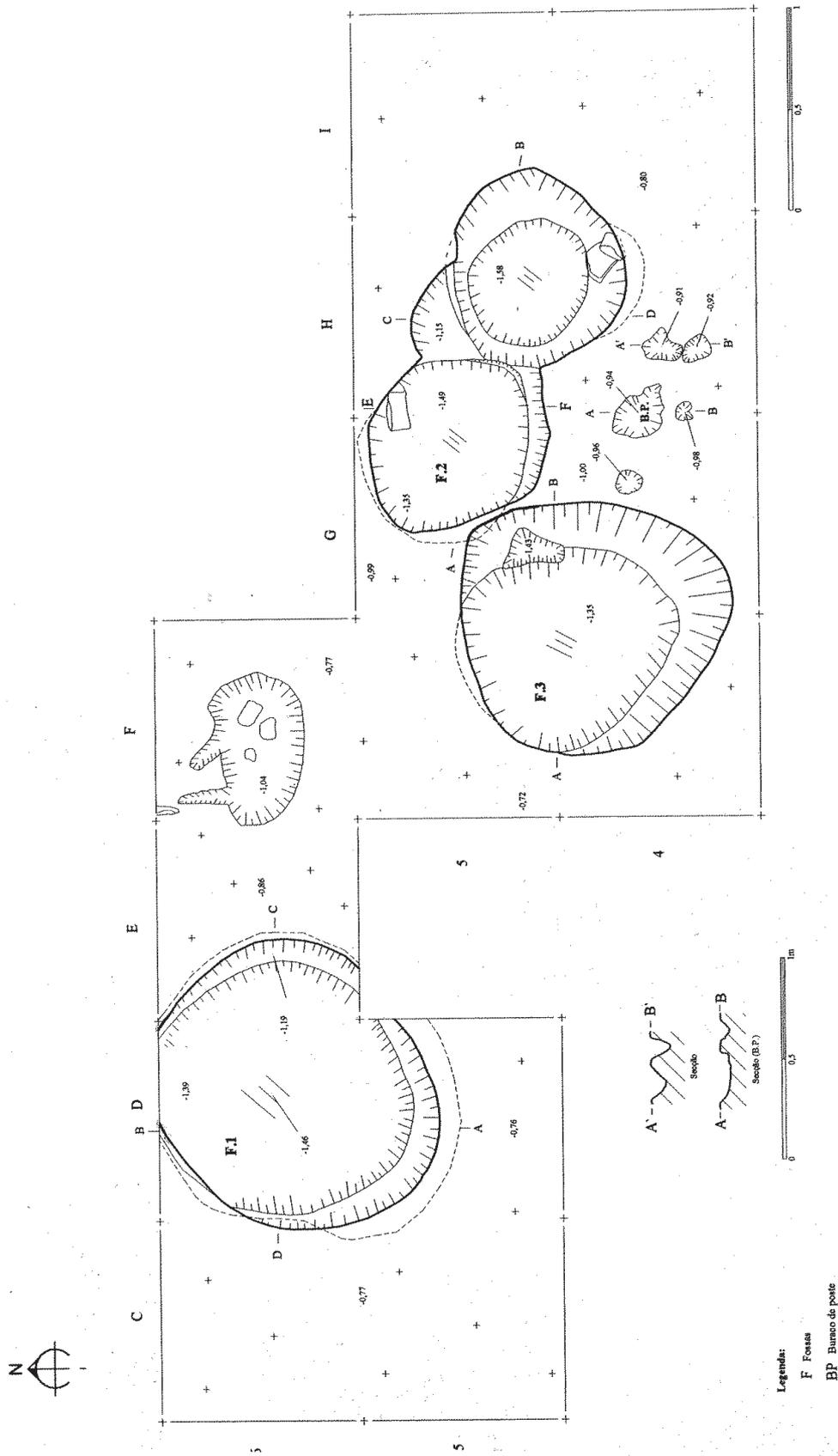


Fig. 10 – Sector 2: plano final da escavação com o negativo das diferentes fossas e buracos de poste.

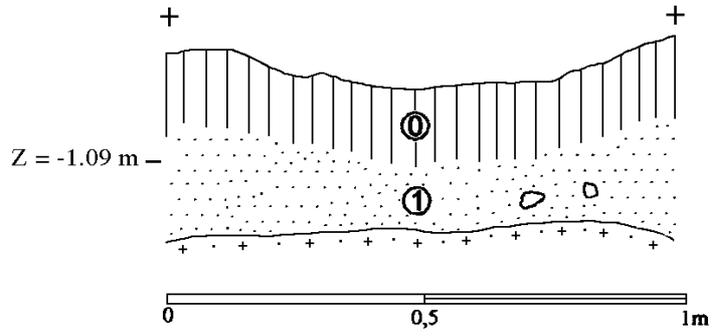


Fig. 11 – Sector 3: perfil Norte do quadrado J4.

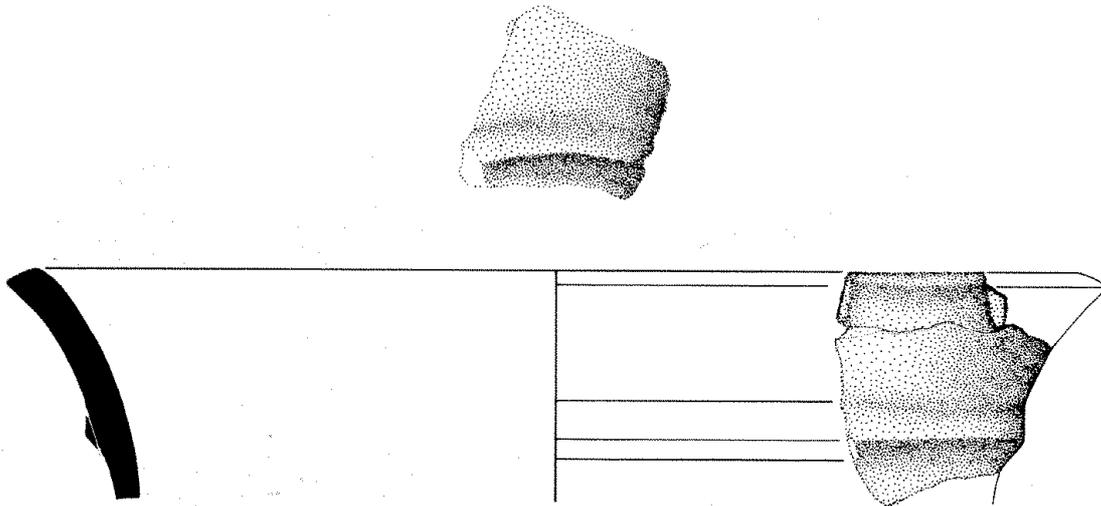


Fig. 12 – Sector 2: espólio cerâmico da camada 2 (desenhos de Dores Pires).

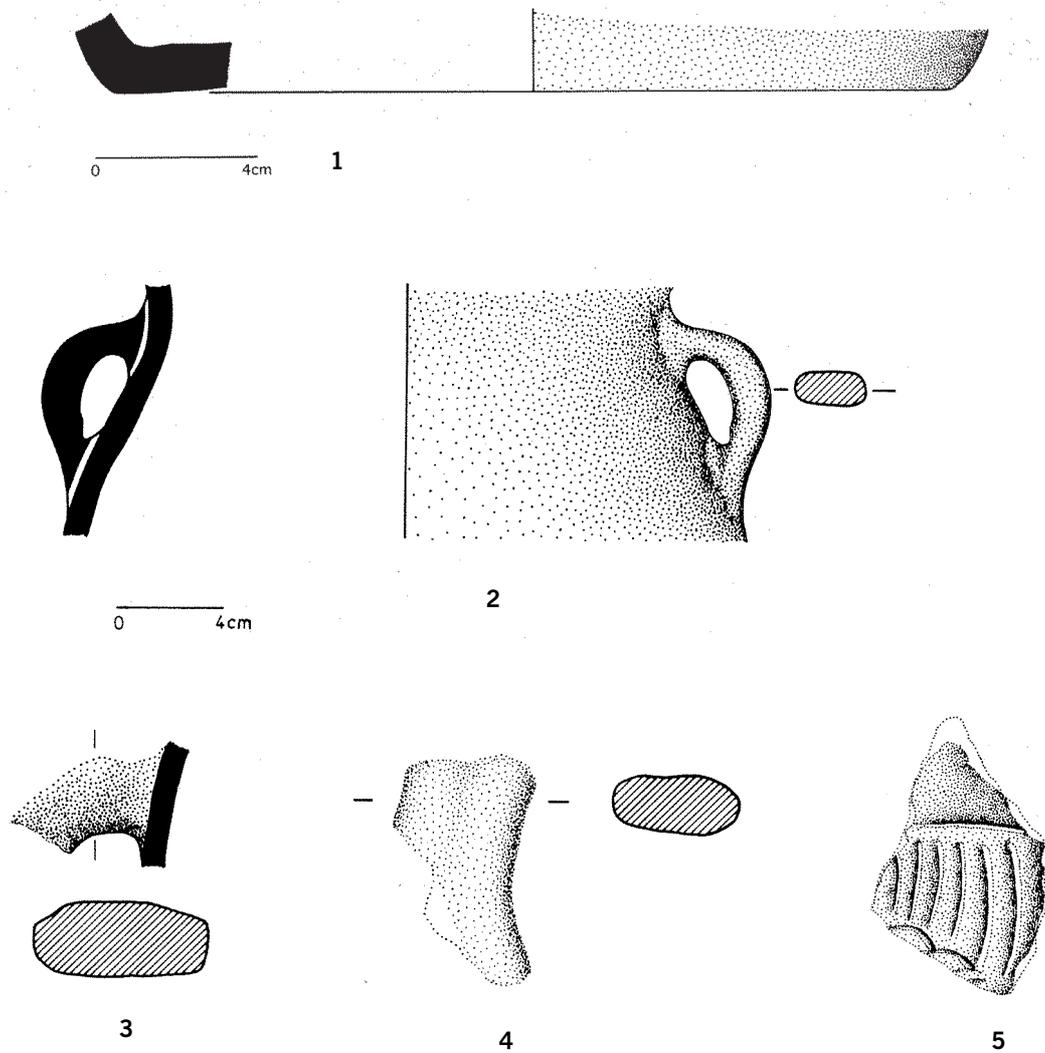


Fig. 13 – Sector 2: espólio cerâmico das fossas 1 e 2.
1- base da fossa 1; 2 - colo com asa; 3 e 4 - fragmentos de asas; 5 - frag. de pança com decoração incisa e impressa.

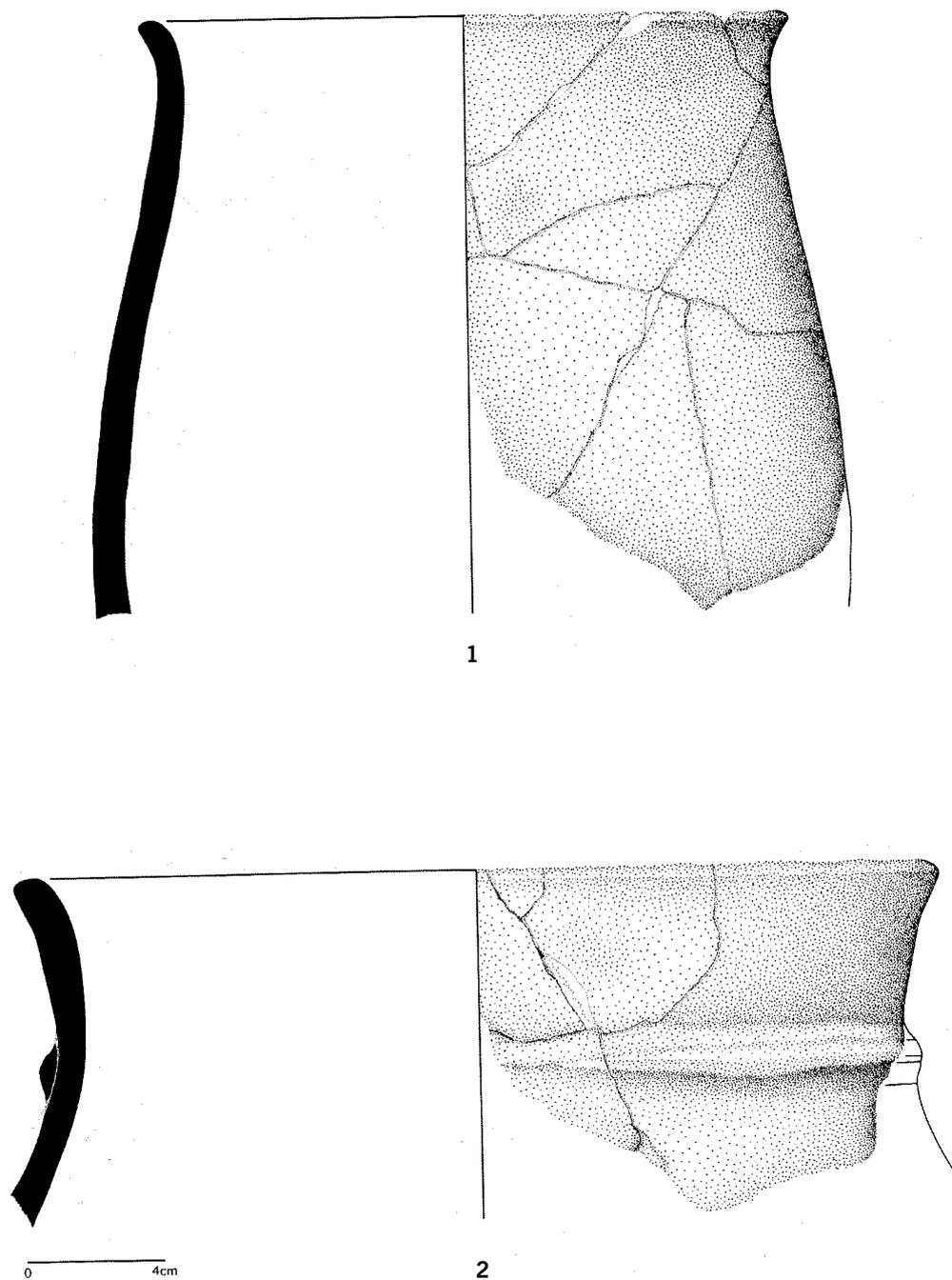


Fig. 14 – Sector 2: espólio cerâmico da fossa 3. 1 - Vaso da forma 5; 2 - Vaso da forma 7.

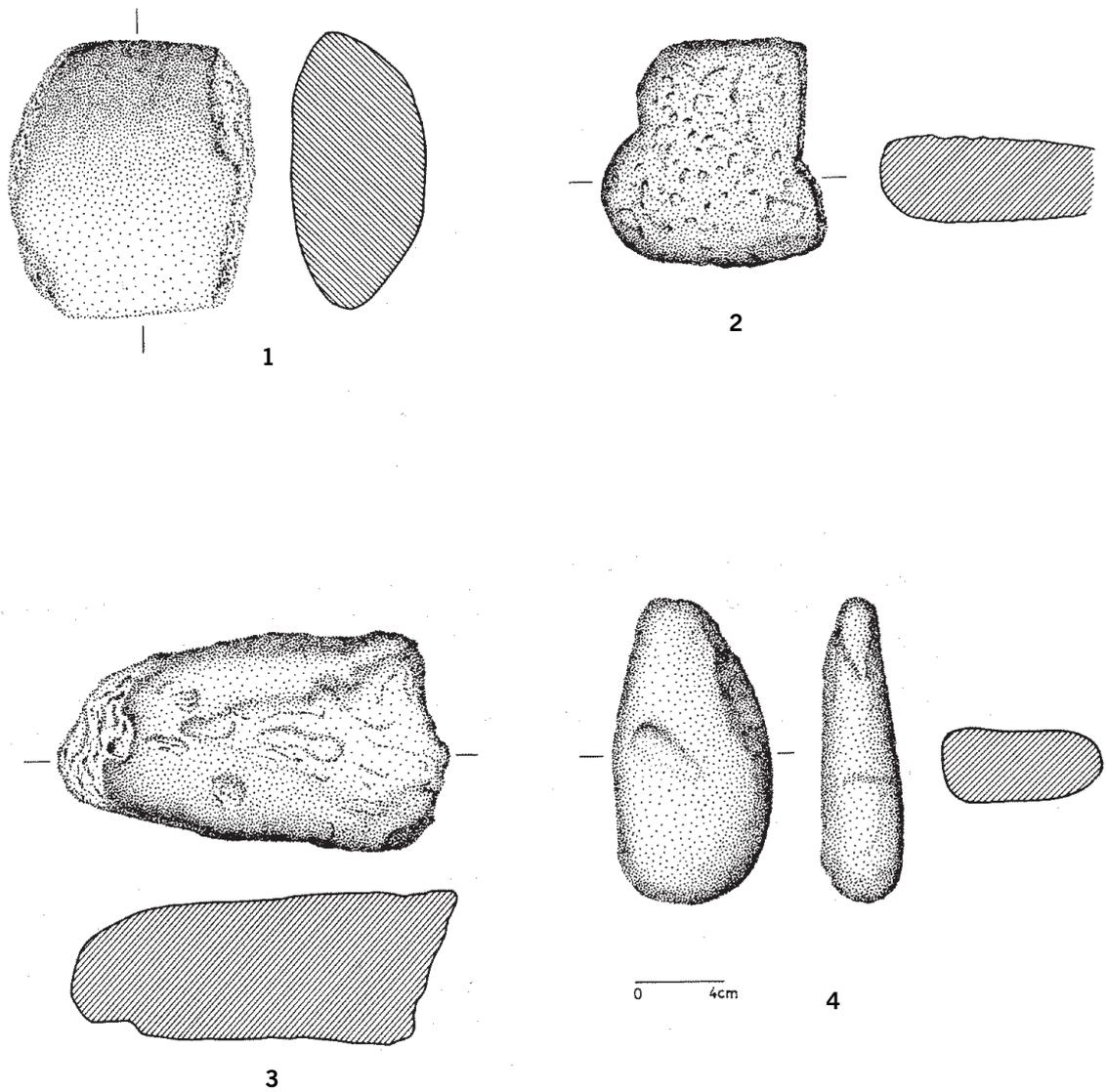


Fig. 15 – Sector 2: espólio lítico da fossa 3 - 1 e 2 - fragmentos de moinhos moventes; 3 - moinho dormente fragmentado; 4 - polidor duplo.



Fig. 16 – Fotografia geral das Boucinhas, vista de Sul.



Fig. 17 – Sector 2: fossa 1.

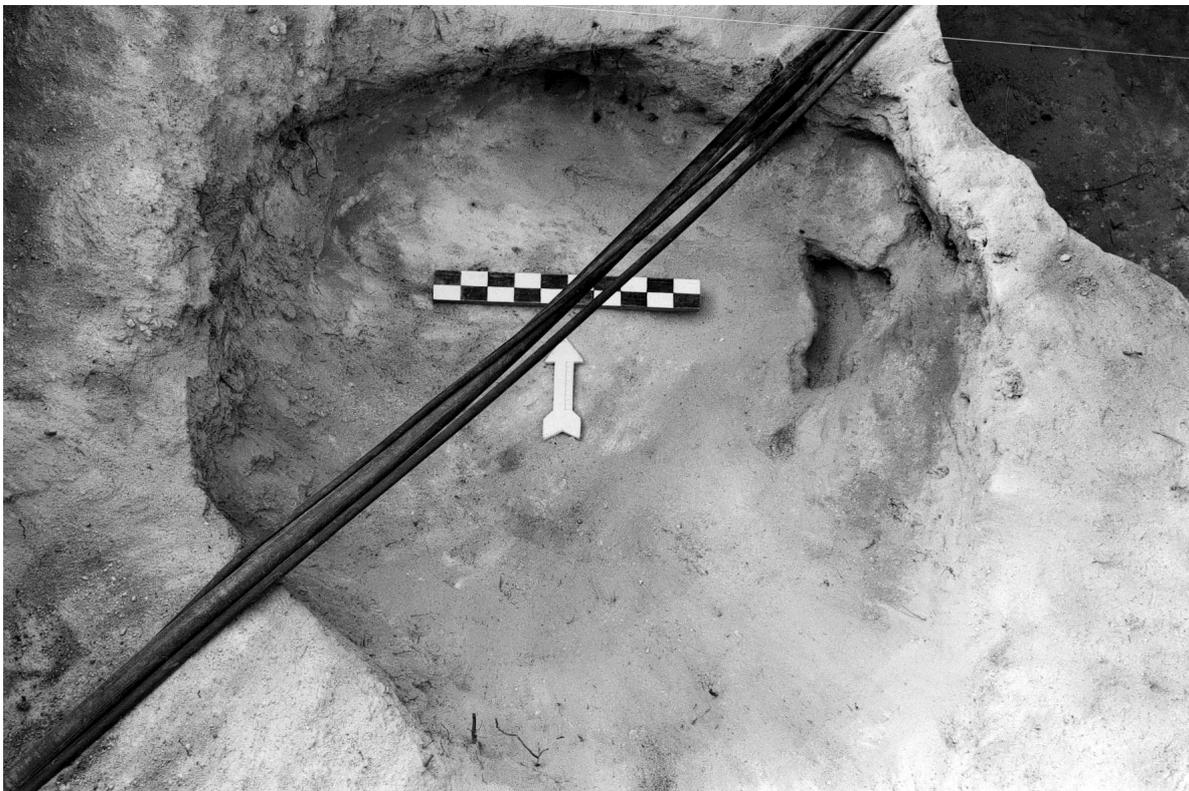


Fig. 18 – Sector 2: fossa 3.